

Software médico resiliente - seu sistema oferece um plano B em caso de falhas?

Em 20 de outubro de 2025, uma interrupção na *Amazon Web Services* (AWS) derrubou ou prejudicou o funcionamento de diversos serviços ao redor do mundo, de apps populares a plataformas financeiras, incluindo alguns sistemas médicos.

A AWS relatou recuperação progressiva ao longo da manhã. Mesmo serviços da própria Amazon, como *Alexa* e *Ring*, sentiram o impacto. Entre os afetados houve menções a *Snapchat*, *Roblox*, *Coinbase*, além de sites governamentais e bancos no Reino Unido. A empresa informou que a maior parte das operações voltaram ao normal, mas que trabalhava pela resolução total do incidente.

O caso reacende um ponto crítico para a saúde: o que acontece com seu consultório quando o [sistema médico](#) depende 100% da nuvem e a nuvem falha? Em clínicas, minutos de indisponibilidade significam pacientes esperando, guias que não saem, prescrições interrompidas e uma experiência ruim para quem precisa de cuidado naquele exato momento.

- O que aconteceu e por que isso importa para a saúde
- Incidentes de grande escala não são exceção
- O risco prático da dependência exclusiva de um único modo de acesso
- Como planejar sua infraestrutura para ter resiliência
- Como o HiDoctor ajuda



O que aconteceu e por que isso importa para a saúde

Na prática, incidentes em provedores de nuvem costumam produzir erros intermitentes, lentidão e quedas em cascata: agendas que não carregam, prontuários que não abrem, documentos que não são emitidos, integrações que “congelam”.

Na queda desta segunda-feira (20/10/2025), os relatos começaram nas primeiras horas da manhã (horário dos EUA), e a própria Amazon comunicou que a recuperação estava em andamento, com normalização ao longo da manhã. Ainda assim, alguns clientes poderiam notar requisições “estranguladas” temporariamente. Ou seja: mesmo com mitigação rápida, há uma janela de indisponibilidade que atinge quem está no consultório naquele momento.

[Para a saúde](#), essa falha tem custo: atrasa o início das consultas, adia assinaturas digitais, trava faturamento e, mais sensível ainda, interfere na continuidade assistencial.

Incidentes de grande escala não são exceção

O histórico recente mostra que quedas em provedores de nuvem acontecem e podem afetar múltiplos serviços ao mesmo tempo. Em fevereiro de 2017, a AWS teve uma queda que deixou aplicativos baseados na nuvem sem funcionar por seis horas.

Em junho de 2019 a operadora hospitalar *Universal Health Services Inc.* comunicou que os registros eletrônicos de saúde de 26 instalações hospitalares foram afetados por problemas técnicos que ocorreram em um centro de dados administrado pela *Cerner Corp.*, uma empresa de tecnologia da informação. O problema durou aproximadamente duas horas.

Em julho de 2019, a *CloudFlare*, uma das maiores empresas de *content delivery network* do mundo (seus servidores hospedam mais de 16 milhões de domínios, sites, APIs, aplicativos móveis e qualquer coisa conectada à Internet, em 175 data centers distribuídos em mais de 75 países) teve um problema técnico que causou a queda de milhares de sites em todo o mundo, incluindo o Brasil.

Esses episódios ilustram como ter um ponto único de acesso, com [dependência da nuvem](#), pode gerar interrupções no serviço, mesmo quando a recuperação começa rápido. A lição que fica é: incidentes em nuvem não são hipótese remota. Eles são riscos previsíveis e devem ser mitigados com arquiteturas híbridas (online + offline), multiplataforma (acesso por computador, notebook, tablet, smartphone) e um procedimento de contingência simples para manter a continuidade do atendimento quando a conectividade ou o provedor falhar, ainda que brevemente.

O risco prático da dependência exclusiva de um único modo de acesso

Mesmo sem um “grande apagão” global, há cenários corriqueiros que podem parar o atendimento se seu sistema não oferecer diferentes alternativas de acesso.

1. Internet local caiu

Obra na rua, oscilação do provedor, roteador pifado: se tudo é 100% online, o prontuário e a agenda ficam inacessíveis. Atender anotando em papel não resolve quando a equipe precisa do histórico.

2. Data center/provedor instável

A nuvem pode estar “de pé”, mas com latência e erros intermitentes. O resultado é o mesmo para quem está atendendo: travamentos, tempo de espera, perda de contexto.

3. Falha no PC principal

HD morreu, fonte queimou, Windows em atualização interminável. Se a operação depende de um único ponto de acesso, o dia foi por água abaixo.

4. Dispositivo móvel sem sinal

Em casas/consultórios com cobertura ruim, ou em deslocamentos, só o modo offline salva.

5. Regiões com conectividade irregular

Cidades do interior, prédios com infraestrutura antiga, picos de uso. Na ponta, é o médico que precisa registrar condutas; para o paciente, pouco importa se a sabotagem foi do Wi-Fi ou da nuvem: ele quer ser atendido.

Em síntese: sem offline e sem alternativas de acesso, a clínica fica vulnerável a problemas que fogem de seu controle.

Como planejar sua infraestrutura para ter resiliência

Resiliência é o oposto de sorte. É desenvolver um projeto intencional que combina tecnologia e rotina para ter [independência em sua prática médica](#). Um conjunto de princípios ajuda as clínicas a terem maior resiliência quanto o inesperado acontecer:

- **Ter acesso offline real ao sistema**

Offline “de verdade” significa acessar histórico e agenda, registrar o atendimento, prescrever, gerar guias, etc. sem internet. Ou seja, ter um software completo à disposição. Em saúde, “só visualizar” não basta.

- **Ter um sistema multiplataforma**

Quanto mais caminhos para o mesmo dado, maior a probabilidade de continuidade. Quando o sistema pode ser acessado no desktop, notebook, tablet e smartphone, se um dispositivo falha, outro assume. Se a internet está ruim, o software instalado ou o app offline garantem acesso.

- **Contar com redundância local e remota dos dados**

Tenha mais de um dispositivo preparado (e atualizado). Sincronize os dados em diferentes computadores e mantenha o [backup em dia](#). Na saúde, o objetivo não é só não perder dados, é não parar o atendimento.

- **Ter um plano simples de contingência estabelecido**

Nada de manuais de 40 páginas que ninguém lê. Desenvolva um procedimento básico, que seja explicado em 1 página, orientando: “Se a nuvem sair do ar, faça X. Se o PC principal morrer, faça Y. Se a internet cair, use Z.” E treine a equipe para estar preparada.

- **Analisar os problemas para chegar à melhor solução**

Saber o que falhou (internet local? nuvem? dispositivo?) permite estimar quando a situação deve normalizar e ajuda a tomar decisões: aguardar, alternar via 4G, iniciar fluxo offline, remanejar horários, etc.

Como o HiDoctor ajuda

Não há como garantir que a internet do mundo não vai mais cair, então a proposta é reduzir o impacto no consultório. Os benefícios do HiDoctor garantem que você sempre tenha um plano B, C, D...

- Software instalado offline

Com o HiDoctor instalado você atende sem precisar de internet e com a melhor performance. Ao fim do dia, [realiza a sincronia](#) e todos os dados atualizados ficam disponíveis também na nuvem para acesso online conforme precisar. Assim, a continuidade do cuidado não depende de um provedor externo naquele instante.

- Acesso em diferentes dispositivos

Se um ponto falha (o PC principal, por exemplo), o atendimento pode continuar em outro dispositivo (notebook, tablet, smartphone). Isso reduz a dependência de um único ponto.

- Ecossistema integrado

O HiDoctor foi concebido como um ecossistema (desktop, cloud/NET, mobile) que conversa entre si e com módulos complementares, inclusive ferramentas de relacionamento com pacientes, para que o fluxo clínico não sofra quando a conectividade oscila.

- Continuidade como premissa

O HiDoctor prioriza a continuidade assistencial. Na prática, significa que decisões clínicas críticas não ficam à mercê de um botão “tentar novamente” no sistema em nuvem.

Incidentes amplos relacionados à nuvem, como o desta segunda-feira (20/10), acontecem, e continuarão acontecendo, como a própria história recente mostra. A questão não é evitar por completo a nuvem, mas tirar o poder do acaso, usando um software resiliente e que sempre garante um plano B através do acesso tanto online quanto offline e em **diferentes dispositivos**.

...

Esse alerta não se trata de “catastrofismo”, mas simplesmente de boa gestão. A crítica comum é: “esses apagões são raros.” São mesmo, do ponto de vista do provedor e da estatística. Porém, para quem está com paciente em sala, o problema é binário: ou atende, ou não atende.

A pergunta, portanto, não é “se”; é “quando”. Falhas aconteceram no passado, aconteceram hoje e seguirão acontecendo. A boa notícia é que resiliência é algo projetável. Com um **software híbrido**, que funciona offline e tem acesso multiplataforma, e com um planejamento simples de contingência, a clínica mantém a continuidade assistencial independente da circunstância.

Considere testar um fluxo de atendimento offline + sincronização e observar como a rotina se mantém estável e com mais performance mesmo com a internet oscilando. A ideia não é abandonar a nuvem, ela é valiosa e seguirá sendo, mas não depender exclusivamente dela.

Experimente na prática a continuidade em seu consultório com o HiDoctor!

O **HiDoctor** é o único sistema multiplataforma para consultórios e o software mais utilizado por médicos e clínicas no Brasil. A Centralx conta com mais de 30 anos de experiência no desenvolvimento de tecnologias para a área médica.

Conheça o HiDoctor e descubra como ele pode transformar a gestão da sua clínica!



Conheça o HiDoctor®:
software médico completo
para todas as plataformas

Quero conhecer

0800 979 0400

Centralx®

Artigo original disponível em:

"Software médico resiliente - seu sistema oferece um plano B em caso de falhas?" - **HiDoctor®**

News